

# O uso da força nas relações internacionais

» LÁZARO GUIMARÃES

Magistrado e professor (lazarog@teiajuridica.me)

O presidente Barack Obama, dos Estados Unidos, assim justificou a intervenção armada na Líbia: “Eu quero que o povo americano saiba que o uso da força não é a nossa primeira opção e que não a adoto facilmente. Mas nós não poderíamos ficar inertes enquanto um tirano dizia a seu povo que não haveria complacência”.

Na véspera, o Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas dera a autorização que legitimava a ação militar destinada a impedir o massacre das populações que haviam aderido à rebelião contra o governo de Muamar Kadafi.

As nações buscavam justificativa para a guerra no tempo em que o direito internacional consistia tão somente na celebração e cumprimento de tratados, convenções e acordos entre as nações, até que os interesses de uma delas falasse mais alto que a outra, para que todos os pactos se rompessem e começasse a carnificina.

No plano das relações internacionais, em que prevalece a igualdade entre as partes, todas detentoras de soberania, não se havia criado qualquer medida sancionatória que correspondesse à penalidade prevista em abstrato na lei e determinada em concreto pelo juiz, até que o filósofo Emanuel Kant, num opúsculo que vale por muitos tratados, *A paz dos cemitérios*, pregou o concerto das nações, a formação de um organismo que reunisse todos os países em busca da realização da justiça em âmbito global.

Criou-se, após o Tratado de Versalhes, que encerrou canhestamente a Primeira Guerra Mundial, com a imposição de sanções exageradas aos vencidos, a Liga das Nações para tornar realidade o ideal kantiano, mas a loucura de Hitler, empolgando a reação alemã, transformou a bandeira internacional em farrapos manchados do sangue de milhões de vítimas da Segunda Guerra. A persistência humana produziu a Organização das Nações Unidas que, mesmo enfraquecida pela sucessão de genocídios mal resolvidos, consegue equilibrar a insensatez dos grupos humanos.

Hoje em dia os países civilizados não vão à guerra senão com a autorização do Conselho de Segurança da ONU. As sanções tradicionais como a retorsão (conjunto de prescrições legais que, como represália de legislação idêntica, se aplicam aos súditos de nação estrangeira) e a retaliação (represália equivalente à pena de talião), como a suspensão da ajuda externa e o bloqueio econômico, não têm eficácia porque há muitos meios de o país infrator suportar os efeitos adversos, muitas vezes refletidos sobre estados inocentes.

Quando à autodefesa, a resposta armada a uma agressão externa, restou desmoralizada pela repetição de alegações mentirosas para o desfecho da guerra, como o assassinato do arquiduque Ferdinando, com que os alemães encobriam a volúpia pela conquista de território e consolidação do domínio de sua indústria sobre a Europa de 1914. Ainda bem que essa não é mais a primeira opção de um país poderoso.

A ONU engloba atualmente 192 nações



que se reúnem em assembleia geral e formam organismos encarregados de atuação diversificada voltada para a promoção da paz e do desenvolvimento harmônico. A sua organização se faz no plano horizontal, um concerto de iguais, mas o seu Conselho de Segurança, que o Brasil pretende integrar como membro permanente, atualmente integrado pelos Estados Unidos, França, Inglaterra, Rússia e China, é o principal responsável pela decisão quanto ao uso de força.

Nos conflitos decorrentes do esfacelamento da antiga Iugoslávia, com os conflitos étnicos entre sérvios, bósnios e croatas, a intervenção das Nações Unidas, utilizando

tropas de diversos países, não evitou a perda de centenas de milhares de vidas e a bárbara prática de exterminação coletiva, que os líderes da matança denominavam “limpeza étnica”, mas, ao cabo de alguns anos, aplicando a Resolução nº 1.674 do Conselho de Segurança, conseguiu estabilizar a região. Situação idêntica ocorreu em Ruanda, na África, em 1994, com o extermínio dos povos tutsi pelos hutus.

Agora, o mundo espera que as forças interventoras da ONU, por enquanto limitadas à exclusão da zona aérea, consigam evitar a mortandade dos líbios rebeldes e livrar a Líbia da ditadura de Kadafi.

## Duas décadas de Mercosul

» JORGE FONTOURA

Professor titular do Instituto Rio Branco, é presidente do Tribunal Permanente de Revisão do Mercosul

Como as efemérides são motivadoras de lembranças, o tempo é de refletir acerca do Mercosul, único processo de integração consequente da história latino-americana, com duas décadas de conquistas e de frustrações, desde sua origem no Tratado de Assunção, em 26 de março de 1991.

Para o Brasil, em particular, que nasceu e cresceu de costas para o continente, a possibilidade de aproximar-se de seus vizinhos significou divisor de águas e permitiu que o país assumisse seu viés sul-americano, apenas que de fala lusitana. No entanto, os atropelos para o aprofundamento do bloco, dificuldades mormente derivadas dos regimes presidencialistas atrelado à soberania e ao imediatismo das soluções que ele requer, têm atuado em desfavor da instituição e de seus propósitos.

Ainda a comprometer melhor desempenho há o contexto externo, com sucessivas crises nacionais e internacionais, a criar obstáculos e a agravar assimetrias entre países membros. Com isso, parece inevitável a tentação dos governos a reavivarem a voragem do protecionismo econômico, grande inimigo da integração regional.

As duas grandes massas críticas que refletem e opinam sobre o Mercosul têm sido não apenas no Brasil a imprensa e a academia. A imprensa, no mais das vezes, é condicionada pelo nacionalismo que emociona e a academia, pela ingenuidade que tira boas

notas. Assim, a reflexão acerca do real significado do convívio comunitário entre os países do Cone Sul tem sido eclipsada por graves dilemas de origem.

Ademais, a tendência de comparar-se a integração daqui com aquela que se verifica na Europa parece irrefreável, inconsciente da absoluta distinção a permear os dois processos: basta lembrar que todos os estados comunitários europeus são parlamentaristas. Talvez o nome Mercado Comum do Sul não tenha sido boa escolha, a induzir expectativas vãs e mal-entendidos inevitáveis.

Em meio ao recorrente noticiário pesoso sobre o Mercosul, no entanto, os sinais vitais do bloco continuam fortes e incisivos, com razões de sobra para motivar as comemorações. A partir das conquistas verificadas, não é temerário afirmar que nunca mais haverá uma América Latina sem o Mercosul, ou, pelo menos, sem os princípios e sem as soluções forjados pela vida comunitária. Assim como os povos nunca voltam a comer com as mãos, há certas conquistas históricas que não comportam retrocessos.

Se de fato há dificuldades econômicas, com travas ao comércio internacional e com o uso de medidas protecionistas, a integração regional é mais que isso: além do comércio que se expressa pela lógica fácil das cifras, nem todas as questões importantes podem restringir-se a números. A consolidação das relações entre Brasil e Argentina é,

nesse sentido, valioso exemplo de substrato mercosulino, incontestado na primeira viagem internacional realizada pela nova mandataria brasileira, destinada a Buenos Aires.

O breve e denso percurso do Mercosul é, por conseguinte, importante exemplo de como projetos estratégicos, ainda que intraduzíveis em cifras, podem transcender como processo histórico. Ademais, países carentes de inserção internacional não podem prescindir de blocos econômicos, que sedimentam a convivência harmoniosa entre democracias pluralistas.

Caberá ao novo gestor da integração dos sócios de Assunção, embaixador Samuel Pinaheiro Guimarães, recentemente escolhido pelos países membros como mentor comum do bloco, a responsabilidade de embalar os cristais e de abrir portas recalcitrantes aos avanços inadiáveis que o Mercosul demanda.

Para o Brasil da hora, que se destaca no cenário mundial e que pode fomentar o desenvolvimento dos vizinhos, é oportuno ter sempre em mente a exortação de Marguerite Yourcenar, em memorável conferência no Instituto Francês de Tóquio: o conhecimento dos mundos estrangeiros, seja no tempo, seja no espaço, tem por resultado destruir a estreiteza de espírito e os preconceitos, mas também o entusiasmo ingênuo que nos faz acreditar na existência do paraíso e na ideia tola de que temos alguma importância.



**ARI CUNHA**

DESDE 1960

**VISTO, LIDO E OUIDO**

aricunha@dabr.com.br  
com Circe Cunha // circecunha.dfg@dabr.com.br

## Lucro a jato

Foi uma discussão acalorada dentro do avião. Ao ver que o passageiro escolheu o assento da saída de emergência, a aeromoça cobrou uma taxa adicional, já que o espaço era maior. A briga foi feia. O argumento do passageiro era plausível. Se escolheu a cadeira perto da saída de emergência, a sua responsabilidade seria maior, já que cabia a ele abrir a passagem em caso de necessidade. Não adiantou. Outros passageiros protestavam, dando o preço justo pelo espaço da cadeira apertada que ocupavam. Houve até quem fizesse piada. Em voos nacionais, uma barra de cereal. Internacional, um tijolo. Por falar em alimentação, o sanduíche é tão ruim que a própria tripulação rejeita. Vai acabar virando moda levar farnel em viagem aérea. Para aferir a sanha por lucro das empresas aéreas, o exemplo final. Se um médico estiver a bordo e for chamado para atendimento, pode passar a noite acordado, acompanhando o passageiro doente até o pouso da aeronave. Difícil acreditar que aquela aeromoça que cobrou o passageiro por sentar na poltrona de emergência tenha recebido instruções para pagar os honorários médicos do passageiro que trabalhou nas férias. (Circe Cunha)

» A frase que não foi pronunciada

“A gargalhada é o sol que varre o inverno do rosto humano.”

» Receita de Victor Hugo.

**Distritais**

» A Câmara Legislativa do Distrito Federal tem TV fora do ar há meses. O povo paga, mas é privado de saber o que acontece por lá. Todos os dias realiza sessões. É que em menos de três meses de mandato, pelo menos três deputados estão sob suspeita.

**Responsável**

» Especialistas da saúde, do direito e da economia esperam abertura de comissão. Desejam saber quem é o principal responsável pela venda de drogas. Está esclarecido, mas falta ordem da punição. Quem fabrica, produz, distribui e recebe dinheiro proveniente do crack. Destroí irremediavelmente o corpo, o espírito e o comportamento do viciado. Atinge todas as classes sociais. A campanha será ativa.

**Ceará**

» Jair Ximenes reuniu os cearenses de Brasília. Foi num encontro convocado pela Casa do Ceará. Almoço festivo, conversa alegre e ambiente favorável. Valeu a reunião, que ocorre todos os meses. Fernando César Mesquita divide a Presidência da Casa do Ceará com as obrigações como responsável pela Secretaria de Comunicação Social do Senado Federal.

**Princesa**

» Expectativa em relação ao Reino Unido. O príncipe William poderá oferecer modernidade. Como é jovem, as esperanças são de mudanças na Inglaterra. Com Winston Churchill começaram os bombardeios com foguetes alemães. Londres estava quase a zero quando o primeiro-ministro se dirigiu à nação com mensagem de esperança no futuro. O povo encheu-se de entusiasmo. A Inglaterra levantou a cabeça. Disposição à luta foi a grande vitória. Elizabeth II receberá na família Kate Minddelton, filha de piloto com uma comissão. O casamento será em abril próximo.

» História de Brasília

Nós havíamos combatido, daqui, as comissões de sindicância da Novacap, que não atingiram a plenitude de sua atividade. Novos argumentos surgem com o correr dos dias, e queremos suspender os conceitos, até que novos esclarecimentos venham à lume. (Publicado em 5/4/1961)

**Endemias**

» Começando por São Paulo, constata-se grande aumento nas endemias. A Alert, com trabalho organizado, fornece dados para facilitar o controle. Ao mesmo tempo, a comunicação com os estados coloca povo e autoridades prontos para iniciar campanha rápida, como merece o combate às doenças localizadas.

**Educação**

» Eugenio Giovanardi mostra que a coluna foi complacente com os parlamentares brasileiros. A Unicef levantou os dados. Há dois anos havia 680 milhões de crianças fora da escola. Os discursos são muitos e as ações não melhoram a situação. O leitor tem razão.

**Artesanato**

» Na área da Ceasa do DF há um grande mercado de artesanato. As portas estão fechadas, mas o lugar parece pronto para funcionar. Não há a menor explicação sobre o assunto. O povo, ao passar por lá, não encontra aviso.

**Museu do som**

» Ricardo Albin criou o Museu da Imagem e do Som em estados brasileiros. Detalhe à parte é que na Romênia também. Ali estão assuntos antigos ligados à colonização do Brasil.

**Melhorias**

» Foi feio o protesto no Novo Gama. A falta de iniciativa para melhorar a vida do trabalhador levou a população ao extremo. Quem trabalha no Plano Piloto leva até duas horas de viagem. Isso quando os ônibus funcionam todo o percurso. A briga é por melhorias.

**Japão**

» Já chegou a 10.035 o número de mortos na América. O desastre não acabou. Novo tremor e plutônio no solo das usinas são a má notícia.